



---

**ELAINE CRISTINA MARECO BATISTA PEREIRA**

**PLANEJAMENTO ESCOLAR: METAS E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG),  
Campus V, Curso de Pedagogia, em cumprimento às  
exigências para obtenção do título de Licenciatura  
Plena em Pedagogia-habilitação Supervisão Escolar.

Orientação: Antonia Lis de Maria Martins Torres

---

**Cajazeiras, PB 2005**



P436p Pereira, Elaine Cristina Mareco Batista.  
Planejamento escolar: metas e desafios / Elaine Cristina Mareco Batista Pereira.- Cajazeiras, 2005.  
39f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2005.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Planejamento escolar. I. Torres, Antônia Lis de Maria Martins. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.014.5

À minha mãe, Albina Mareco e ao meu pai Francisco Batista por acompanharem meu crescimento dando-me a possibilidade de acreditar que sou capaz de realizar meus projetos de vida; por me apoiarem em todos os momentos difíceis; por serem no meu regresso, portos seguros, verdadeiros oásis de amor e compreensão.

(Dedico)

## *Agradecimentos*

A Deus, minha fonte inesgotável de luz e  
fortaleza para enfrentar os desafios.

Ao cônjuge e amigo Alessandro Pereira, a  
quem gosto e admiro pela paciência, ternura e  
inteligência.

Aos meus filhos, Ellen Sabrina e Ezequiel  
onde encontro *inspiração para continuar a*  
luta.

À professora, Lis de Maria com quem  
aprendi a ser determinada e acreditar em si  
própria.

Ao mestre Paulo Freire (in memoriam), com  
quem estamos sempre aprendendo.

A todos os professores, que mesmo  
encontrando muitos desafios na educação,  
ainda se permitem sonhar.

Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se advinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida.

Paulo Freire (2001)

## SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	20
4.1. PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O PLANEJAMENTO ESCOLAR	21
4.2. CONCEPÇÕES APRESENTADAS PELOS PROFESSORES <i>ANEXO 1 - PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES</i>	25
5. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS	30
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS	33
7. ANEXOS	35

## 1. INTRODUÇÃO

O Planejamento Escolar sempre foi visto como atividade burocrática, enfadonha e desinteressante e mesmos com as mudanças ocorridas no sistema educacional de ensino como as novas políticas públicas, cursos de capacitação, etc. Alguns docentes ainda resistem a essa pratica por acharem que não são reconhecidos pelo trabalho que fazem reconhecimento, muitas vezes, fortemente vinculado à questão salarial.

Embora não seja intenção discorrer sobre toda literatura referente ao Planejamento Escolar, procuramos criar espaços para discussão acerca do processo de planejamento na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Desembargador Boto na cidade de Cajazeiras/PB, bem como compreender de que maneira a formação dos profissionais que nela atuam contribuem com essa prática.

Atualmente o desafio que se coloca hoje reside na possibilidade de se planejar abordando algumas questões teórico - práticas que viabilizem a convergência entre o pensar e o agir, abrindo perspectivas para uma nova relação entre o conhecimento. E é nesse limiar que se pauta o presente estudo.

O que nos levou a realizar um estudo dessa natureza, foi à necessidade de aprofundarmos nossos conhecimentos sobre planejamento, servindo - se fundamentação teórica relativa ao tema, ampliando as concepções, os conceitos referente à temática, constituindo-se em suporte para compreensão da realização deste estudo.

O Planejamento Escolar é um instrumento de grande valia, que suscita um estudo cada vez mais detalhado, e é importante que os professores se apropriem dele como prática contínua, norteadora de todo o trabalho escolar, que visto e desenvolvido socializadamente, com o envolvimento de todos, traz resultados satisfatórios para o processo de ensino e aprendizagem.

O que pretendemos com o estudo dessa temática, é concebê-lo não apenas como instrumento de apoio à prática pedagógica, mas como processo de tomada de decisões, que necessita urgentemente ser pensado numa perspectiva socializada levando em consideração as muitas problemáticas que envolvem a escola.

Nessa direção, promovemos encontros com professores da Educação Infantil a 3ª séries dessa instituição, a fim de revermos alguns aspectos do planejamento associados as suas práticas em sala de aula. Entendemos também, que tal estudo pôde contribuir com esses profissionais, tanto a nível de discussão das temáticas relacionadas ao planejamento, como na elaboração de seus planos globais ou diários.

Em termos de apresentação, o trabalho se organiza em quatro capítulos:

No capítulo I encontramos o Referencial Teórico – procuramos trabalhar a problemática do planejamento à luz dos estudiosos, apresentando as concepções, as funções, a importância e os tipos de plano.

Consideramos o referencial teórico elemento de grande relevância no desenvolvimento do trabalho por entendermos como suporte que firma os demais elementos, dando – nos condições de compreender o que acontece no processo educativo.

No capítulo II, temos os Procedimentos Metodológicos – definimos as sugestões de encaminhamentos das atividades a serem realizadas no trabalho. Determinamos quais os caminhos que deviam nortear os estudos.

Nos procedimentos possibilitamos as condições necessárias para uma aproximação dos problemas reais com as possíveis maneiras de resolvê – los. Trata-se dos diversos modos de como organizarmos as condições mais adequadas à aprendizagem.

As músicas, as dinâmicas de interação, os textos reflexivos, os estudos dirigidos, as discussões, a observação de fitas de vídeo, são alguns procedimentos escolhidos para dinamizar os estudos.

No capítulo III, apresentamos a Análise dos Resultados, onde após a aplicação do questionário, analisamos as impressões do professores sobre o planejamento. Nesse elemento destacamos a percepção quanto o processo de planejamento, o que puderam apreender e quais as contribuições trazidas a sua prática pedagógica.

No capítulo IV, temos as Atividades Desenvolvidas no Estágio - destacamos o conjunto de atividades realizadas nos encontros com os professores, a fim de darmos um direcionamento ao nosso estudo. Buscamos apresentar sugestões de atividades que podem subsidiar o planejamento escolar.

Tivemos a preocupação de escolher os textos de forma que viesse a esclarecer as dúvidas dos professores sobre planejamento. Acreditamos que assim conseguiríamos um envolvimento dos professores em todo o desenrolar do estudo.

No último capítulo encontramos as Conclusões, onde reservaremos a esse elemento todas as nossas impressões sobre o desenvolvimento dos estudos, o que apreendemos da temática, as contribuições trazidas tanto para os professores quanto para as estagiárias, bem como apontamos as dificuldades no decorrer do presente estudo.

## 2. Dialogando com alguns teóricos acerca do Planejamento Escolar

A temática Planejamento Escolar: metas e desafios está respaldada nos trabalhos e discussão dos seguintes teóricos: Libâneo (1994), Frigotto(2003), Gadotti (2003), Menegolla (2002), Padilha (2003), Gandin (1999), Veiga (2001), Zabala (1998) e Pimenta (1998), uma vez que esses autores nas suas pesquisas apresentam uma visão ampliada sobre Planejamento Escolar, apontando suas limitações, crises e possibilidades para se redimensionar o planejamento sem perder de vista os aspectos políticos- sócio – econômicos, institucionais profissionais e pessoais dos profissionais que lidam com essa problemática.

Menegolla (2002) mostra que a instituição escolar se aperfeiçoou nos seus discursos falados e escritos a respeito das teorias sobre o ato de planejar, mas ainda conta com um grande número de professores descontentes com sua prática e descrentes no planejamento. Assim, a escola tem esse “inimigo interno”, uma vez que são múltiplos os fatores que levam a esse descrédito. Enfrentar esse desafio implica na realização de leitura crítica da realidade, de modo que cada qual que faz parte da escola possa chamar para si a responsabilidade de rever suas práticas pedagógicas, apontar saídas para a superação dos estigmas do planejamento.

Nessa perspectiva, é preciso prioristicamente, conhecer as formas de resistência e descrença existentes, bem como o espaço escolar, através de situações de estudo, discutindo sobre os problemas e as necessidades desse espaço.

O Planejamento escolar geralmente é compreendido como panacéia miraculosa, ou receita infalível, uma vez que muitos professores acreditam que basta sentar-se em meio a um empilhamento de livros e realizar uma seleção de atividades resolvendo todos os problemas de suas salas de aula e o planejamento esteja pronto. No entanto, segundo Padilha (2002, p.30) planejamento é: “a busca do equilíbrio entre meios e fins, é tomada de decisões sobre ações”. Portanto, não há que ser considerado como mera seleção de atividades reproduzidas dos livros didáticos.

Ainda em relação ao Planejamento Escolar, Libâneo (1994) acrescenta:

uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. Ele é um meio de se programar as ações docentes, mas também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação. É um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente articulando a atividade escolar e a problemática social. (p. 212-222)

Isto posto, entendemos a ação de planejar não como prática isolada e unilateral, onde cada professor faz o planejamento do seu jeito, cria seu universo e se fecha nele. Planejar é um ato, sobretudo de reflexão para ajustes entre o pensar e o agir.

Padilha (2003, p. 31) considera o planejamento como...

“um processo que se preocupa para onde ir e quais as maneiras de se chegar lá tendo em vista a situação presentes e possibilidades futuras, para que o desenvolvimento da educação atenda tanto as necessidades do desenvolvimento da sociedade, quanto à do indivíduo”.

Nesse sentido, podemos notar que é grande a importância do planejamento no espaço escolar, e o professor precisa compreender isso e mais, necessita aderir a sua prática, tendo em vista que o planejamento está longe de ser um processo inerte, irreal e imutável, isso porque é inerente à condição humana e como tal precisa estar em constante movimento, sofrendo alterações face às condições reais emanadas da escola.

Parafrazeando Menegolla <sup>como? depois?</sup> “Planejar é a angústia e o delírio mórbido da escola; é a enfadonha novela dos professores; é a cantiga diária dos comandos pedagógicos”.

Seguindo essa idéia, cabe ressaltar que frequentemente vemos o discurso desacreditado que os professores têm no ato de planejar, e todas as vezes que se abre a

possibilidade de se reunir para o planejamento, expressam um repúdio natural como falta de tempo, não recebo hora extra, etc. Assim, cumpre-nos questionar a que se deve esse fato, uma vez que nos encontros pedagógicos, nos próprios centros de formação de professores, o planejamento é sempre elucidado pelos profissionais não como fórmulas mágicas, mas como instrumento orientador do processo pedagógico; àquele que dá o norte para a atividade, seja ela docente ou administrativa.

É fundamental que os professores, o gestor, o supervisor, o aluno enfim todos que participem do planejamento, tenham respondidas as seguintes indagações:

O quê Planejar? Para quem? Como planejar? Isso porque o planejamento deve ser visto como recurso fundamental do processo de ensino e aprendizagem e não como inimigo em potencial.

O Planejamento Escolar deve servir para alcançar os objetivos previamente definidos, que na concepção de Turra (1975, p. 28): “antes da formulação dos objetivos e estratégias, é essencial que o professor efetue um balanço sistemático das características, condições e problemas da realidade que vai atuar”.

Precisamos esclarecer que não basta qualquer objetivo. É importante que nessa seleção observemos se ele tem clareza, ou seja, estar determinado quanto ao que pretende alcançar; as idéias, as intenções *devem estar cristalinas e inteligíveis a compreensão de todos.*

Um outro elemento a considerar é a simplicidade - a idéia não é de futilidade, nem de uma interminável lista de objetivo, mas àqueles que sejam reais que possa atender as necessidades dos alunos.

A validade constitui - se num importante elemento a ser observado, pois os objetivos devem ser úteis, dentro das possibilidades que a escola oferece, eles têm que ser exequíveis.

Por fim, o critério da operacionalidade que está ligado a ação concreta, isto é, se pode ser trabalhado, se tem valor.

Para tanto, não basta que o professor execute o planejamento, é preciso refletir desde sua elaboração (minúcias) até sua avaliação; há que existir um envolvimento em todas as etapas, tendo uma integração com o que se propõe a exercer.

Nesse sentido, romper com o estereotipo em que o planejamento é considerado como “perca de tempo” é uma das empreitadas educativas. Isso deve ao fato também, de algumas escolas estarem bitoladas a seguirem um planejamento padrão, ou seja,

adotarem modelos centralizados que os chamados especialistas da educação determinam seu cumprimento. As práticas do planejamento muitas vezes não consideram a realidade sócio-político-econômico na qual a instituição está inserida, mas pude perceber que os professores se preocupam com a aprendizagem de seus alunos. E fazem um planejamento coletivo e semanal para tentar solucionar as dificuldades encontradas em sala de aula.

Atitudes dessa natureza inibem a possibilidade do planejamento socializado ascendente, que segundo Frigotto (2003), surge a partir das necessidades da própria sala de aula, sem que desconsidere nenhuma idéia, nenhum dos pontos de vista dos professores. Cada um priorizando o que de essencial sua turma precisa, associado aos interesses das outras turmas, dentro de um misto de compromisso, participação, consciência e intencionalidade, consegue-se realizar um planejamento participativo e dinâmico, capaz de envolver aos que insistem em resistir a ele.

O planejamento deve servir para uma reflexão sobre os princípios educacionais que são capazes de conduzir o homem, sendo este entendido como ser que constitui e dá sentido ao universo escolar. É preciso repensar qual tipo de ação necessária à integração e ao desenvolvimento desse homem na sociedade. Neste sentido, Gandin (1998, p.136) afirma:

“é preciso reunir o desejo real do planejamento participativo, ou seja, não é suficiente que os professores dêem sugestões e estejam de acordo com seus coordenadores, é imprescindível que eles saibam o que querem fazer, porque e como fazer, a fim de que possam construir o saber calcado na participação e consciência de todos”.

Ocorre o planejamento participativo quando os professores decidem em conjunto, onde todos com o seu saber e suas limitações, conseguem decidir conjuntamente. Para construirmos esse saber, é necessário que o busquemos, sempre relacionando os meios aos fins, interligando o trabalho com o mundo e suas movimentações que acontecem independentemente da vontade unilateral dos grupos.

Ao buscarmos compreender o planejamento, precisamos compreender também a escola, pois segundo Gadotti (2003) “o planejamento só faz sentido quando elaborado a partir das relações mais fundamentais da escola, as relações das salas de aula que Padilha chama de “círculos de cultura”.

Dessa forma, considerar o planejamento como atividade superficial, é desconsiderar a essência das relações que se formam na escola. É necessário que o professor não faça essa separação, uma vez que refletir sobre a escola, é refletir sobre o planejamento, são duas práticas indissociáveis.

No processo de planejamento há de entender a existência de uma divisão quanto ao seu processo de desenvolvimento, segundo Padilha (2003, p. 32-35) são eles:

Planejamento coletivo - não significa juntar todo mundo para planejar, mas organizar as instâncias de tomada de decisões.

Planejamento educacional - tem abrangência maior e significa dar uma abordagem científica e racional aos problemas da educação, procurando determinar objetivos, recursos disponíveis e a análise das conseqüências que advirem de acordo com as situações propostas.

Planejamento curricular - “proposta geral das experiências de aprendizagem que são oferecidas pela escola, incorporada nos diversos componentes curriculares”.

Planejamento de ensino- ‘processo que envolve a atuação concreta dos educadores no cotidiano de sua prática em sala de aula, numa estreita relação entre educadores educandos’.

Planejamento escolar- “é uma tarefa docente que prevê atividades didáticas quanto a sua organização, com racionalidade e revisão no decorrer do processo de ensino”.

Planejamento participativo – significa bem mais que uma atividade técnica. Ele é um processo político vinculado à decisão da maioria, tomada por ela mesma e em benefício dela própria.

Planejamento de aula - é a tomada de decisões referente a própria sala de aula, os temas , os conteúdos , as metodologias, recursos e avaliação bem específicos de cada dia de aula.

Vemos, portanto a necessidade de um estudo bem organizado, para que possamos compreender as singularidades de um e outro, sendo que um de qualquer forma contempla elementos dos outros. Convém elucidarmos uma outra divisão quanto à execução dos planos.

O plano é um instrumento que possibilita a formalização para operacionalização das decisões tomadas no processo de planejamento. É o como fazer depois de ter realizado a etapa do pensar.

O Plano Global - é aquele desenvolvido no início do ano com vistas a ter um conhecimento amplo, com objetivos definidos, conteúdos e estratégias.

Menegolla (2002, p.78) anuncia que “a objetividade no plano nega e refuta toda e qualquer idéia de complexidade. Ser objetivo é expressar a evidência que se manifesta por si mesma...”. Nesse sentido, vemos que não será proveitoso se o plano contiver objetivos dotados de complexidade e rebuscamento.

No Plano Global é preciso compreender sobre alguns elementos constitutivos do Planejamento, são eles: marco operativo, diagnóstico e programação.

Segundo Gandin (1998, p.150), o marco operativo é o que costumamos chamar de rumo ao qual vamos seguir para que se efetive a ação; é o conjunto de idéias que rege a prática. Nele é importante considerar a idéias dos professores, na perspectiva de uma discussão que tome como orientação uma bibliografia adequada para a fundamentação do trabalho;

Quanto ao diagnóstico tido como raio x do plano, este consiste em conhecer os alunos, antes de elaborá-lo, já ir para a sala sabendo qual a população - alvo a ser trabalhada. De posse do marco operativo, passa analisar os pontos inicialmente elencados e registra todas as informações coletadas, isso porque o diagnóstico precisa ser atualizado num processo contínuo de avaliação para “a posteriori” servir para a seleção dos critérios de julgamento”.

Por fim, a programação trata-se de recolher os resultados iniciais e finais do diagnóstico, adquiridos através da prática do professor e a realidade dos alunos e propor ações que possam superar as dificuldades, abrindo a possibilidade de rever a prática educativa. Na proposição das ações, faz-se necessário adequá-las ao tempo do plano e aos recursos disponíveis na escola, não é interessante propor algo grandioso, porém inexecutável. A programação não pode ser pensada para todo um semestre ou um ano de uma só vez, pois precisa estar sendo avaliada constantemente, de modo a refletir sobre o que se alterou na realidade dos alunos.

O Plano de Unidade - é um ramo do plano global, que consiste em subdivisões quanto a objetivos, conteúdos e metodologias específicas a cada bimestre. Esse plano pode contemplar justificativas e temas geradores. O tempo que destina a esse plano corresponde a quinze dias, um mês dois ou de acordo com o tema gerador programado.

O Plano de aula - esse não menos importante que os demais, merecemos destacar, uma vez que mesmo sendo planejado em conjunto, depende de uma dedicação especial por parte do seu planejador, isso porque cada turma apresenta suas especificidades, graus de dificuldades diferentes das outras turmas. Esse plano se caracteriza por ser um plano setorial do plano global que tem caráter prático e ajustável de acordo com o nível de aprendizagem de cada turma.

Em conformidade com a concepção de Zabala (1998, p. 29):

tudo o que fazemos em sala de aula, por menor que seja ,  
incide em maior ou menor grau na formação dos nossos  
alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos,  
as expectativas que depositamos, os materiais que  
utilizamos,  
cada uma destas decisões veicula determinadas  
experiências educativas, e é possível que nem sempre  
estejam  
em consonância com o pensamento que temos a respeito do  
papel  
e do sentido que hoje em dia tem a educação.

Dessa forma, não será proveitosa a realização de qualquer plano de aula, mas àquele que se traduza em ideais para ajudar na formação de seus educando e não para ser cumprido como exigência da escola, deve surgir uma reflexão permanente se o que está se propondo para uma aula dá condições dos educando se desenvolver, ou seja, torna-se um ser capaz e crítico na sociedade.

O Plano de Disciplina - consiste em planejar o contexto geral da disciplina e ele é importante para o professor porque permite que ele tenha uma maior organização de técnicas e instrumentos de avaliação. Menegolla (2002, p. 66), acrescenta ainda algumas vantagens que o plano de disciplina oferece:

- Ajudar a definir os objetivos que atendam aos interesses dos alunos;
- Facilitar a organização dos conteúdos mais significativos para os alunos;
- Evitar a improvisação, a repetição e a rotina do ensino;
- Ajudar os professores e alunos a tomarem decisões conjuntas, favorecendo a integração e a continuidade do ensino.

O planejamento deve expressar quais os conteúdos serão desenvolvidos em sala de aula,

porém, é preciso que o professor tenha a preocupação de fazer um estudo e depois uma seleção para saber quais os conteúdos mais significativos e realistas, para a partir disso fazer um contraponto com a realidade dos alunos.

Desejamos enfatizar no planejamento ainda à questão da flexibilidade por tratar de um importante indicador na atividade de planejar, porém alguns docentes o utilizam como desculpa para o imprevisto o descompromisso com o planejamento.

A flexibilidade abre a possibilidade de adaptar-se as novas situações imprevisíveis sem maiores problemas, gerando oportunidade de assistir o alunado, tendo em vista que não existe um plano que não possa ser adaptado, refeito, pois se assim o for estará fadado ao insucesso. O plano deve servir para as pessoas e mudanças ocorrem com as pessoas, e o professor por sua vez deve estar atento a tudo o que acontece na sua sala de aula, para que os planos não perca de vista seus objetivos.

Os professores quando se reúnem para planejar, pegam seus livros, que para muitos é seu único recurso didático disponível, e selecionam suas atividades com idéias esparsas e descontextualidades, ferindo assim o princípio da intermediação do planejamento.

Pelo exposto, vimos que o planejamento escolar não deve ser uma mera planificação de atividades e que não se deve descartar a sua necessidade dentro do planejamento educacional, pois um não pode anular o outro.

Assim, pensamos ser o planejamento escolar coletivo, a maior empreitada da educação, hoje, onde todos os profissionais possam unir-se verdadeiramente para atingir o fim maior da educação que é a libertação do homem.

No planejamento escolar, é imprescindível que possamos pensar antes de agir; que a reflexão sirva para avaliarmos nossas ações, a fim de que ele firme como

instrumento interventor do todo social, ou seja, que tenhamos um respaldo naquilo que fazemos.

Parafraseando Veiga (2001, p. 247) “quando os profissionais da educação estruturam sua atuação na reflexão, criam novas possibilidades de aprendizagem. As relações sociais redefinem-se porque a reflexão coletiva torna oportuna a relação solidária, reorganizando o trabalho”.

Dessa forma, se nós professores conseguirmos refletir sobre as ações pedagógicas já teremos um forte instrumento para a construção do saber. Precisamos refletir, mas não só, precisamos sobretudo agir, sabendo com quem, para quem e como.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*“Andar algum passo, a todo o momento, na troca é tão importante como debater o rumo e questionar se caminhamos nele”.*

*Gandim (1998)*

Escolhemos para desenvolver essa temática Planejamento Escolar: metas e desafios a Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Desembargador Boto localizada na Rua Higino Tavares no Centro de Cajazeiras/PB.

A referida instituição tem 320 (trezentos e vinte alunos matriculados), distribuídos nos turnos: manhã, tarde e noite. Os professores têm como formação Magistério médio e graduação em: Letras, Pedagogia, História e Geografia. Quanta a sua estrutura física tem: 05 (cinco) salas de aula, 04 (quatro) banheiros, 01 (uma) cantina com dispensa, 01 (uma) direção, 01(uma) secretaria com almoxarifado e um pátio para recreação, atendendo a crianças de classe média baixa. Esta escolha se deu pela necessidade de compreendermos como se dá o planejamento e quais as dificuldades encontradas pelos professores na sua realização. Nossa proposta de estudo objetiva:

- Identificar quais as dificuldades encontradas pelos professores da Escola Desembargador Boto na realização do planejamento;
- Reconhecer o planejamento escolar como instrumento norteador da prática pedagógica;
- Desenvolver alternativas de estudo que viabilizem um conhecimento ampliando seus conhecimentos sobre a temática apresentada;
- Construir propostas metodológicas para desenvolver um planejamento participativo.

O universo escolhido para o desenvolvimento do nosso trabalho foi de 05 (três) professores de Educação Infantil à 3ª séries. Dentre estes 02 (dois) possuem graduação em Pedagogia, 01 (um) graduação em História e 02 (dois) tem o Magistério Médio. Dentre os 05 (cinco) professores 03 (três) participam dos Cursos de Capacitação oferecidos pela 9º Regional de Ensino, pois só pode participar destes cursos os professores de Educação Infantil e 1º série. Ambos trabalham no turno da manhã e são funcionários Estaduais efetivos entre 11 à 32 anos de tempo de serviço.

Optamos por trabalhar neste estudo numa perspectiva quanti-qualitativa com caráter exploratório, por compreendermos que as abordagens da referida pesquisa permeiam o universo escolar.

Segundo Pereira (2001, p.65) o estudo exploratório representa “uma primeira aproximação entre o sujeito a um determinado fenômeno que é pouco explorado”. Assim sendo, abre um leque de oportunidade do fenômeno ser investigado mais intensamente.

Em consonância com Filho, (2000, p.51), “os métodos quantitativos e qualitativos não são incompatíveis, muito pelo contrário estão intimamente ligados e podem ser usados pelos pesquisadores sem caírem na contradição epistemológica”.

Destarte, a escolha feita por trabalhar com as duas não fere os princípios da pesquisa científica. Com a pesquisa quantitativa, podemos dar mais precisão aos dados coletados e na qualitativa, temos condições de analisar mais profundamente as opiniões e conceitos dados às questões sobre planejamento.

Para consubstanciar nosso trabalho, utilizamos como instrumento para a coleta de dado necessário para o estudo, o questionário, que é um elemento dinâmico para conseguirmos as informações. O referido questionário continha dez questões, sendo estas questões objetivas e subjetivas, e foi aplicado individualmente o que levavam os professores a atribuírem conceitos sobre o planejamento e justificarem suas respostas. Das respostas dadas, podemos analisar como o planejamento acontecia na escola. Após aplicação do questionário falamos como seria os encontros como questionamos sobre a temática a ser trabalhada.

Proseguimos nossos estudos com encontros realizados semanalmente na referida escola, envolvendo os cinco professores. Trabalhamos com textos reflexivos, dinâmicas de interação, observação de fitas de vídeo, estudos dirigidos, debates, questionamentos. Enfim, tivemos a preocupação de dinamizar nossos estudos, até porque precisávamos mostrar que era possível estudar, aprender sem que o momento se tornasse enfadonho.

## **ANALISE DOS RESULTADOS**

#### 4.1 A percepção dos professores sobre o Planejamento Escolar

O estudo da temática Planejamento Escolar: metas e desafios foi desenvolvido com objetivo de analisar como se realiza o Planejamento Escolar da referida instituição.

O instrumento utilizado neste estudo (questionário) foi apresentado a 05 professores da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Desembargador Boto – Cajazeiras - PB, aos quais denominaremos de professor A, professor B, professor C, professor D e professor E.

No que se referem à formação acadêmica, os professores são licenciados 02(dois) em Pedagogia, 01 (um) em História, 02 (dois) com Pedagógico. A atividade docente varia entre 11 a 32 anos de serviços. Com base nesses dados, é possível afirmar que pela experiência na atividade docente tem certo domínio das linguagens e tendências que circundam o mundo da educação, vimos que nenhum dos professores se enquadra na categoria de “leigo”, apesar de todos não terem curso superior, mas possui o magistério, o que por sua vez facilitou o andamento dos trabalhos.

Os professores desde o primeiro contato (momento da apresentação do projeto), demonstraram interesse em estudar a temática. Sentimos a presença forte de um compromisso e a responsabilidade em desenvolver os estudos com bastante seriedade.

Quanto à realização do planejamento escolar, os professores são uníssonos em afirmar, que este ocorre de forma coletiva e semanal, isto é, todos os 05 (cinco). O que denota a importância que o planejamento tem no cotidiano escolar desses profissionais, se articula enquanto grupo dessa unidade escolar. E conforme Padilha (2003) no planejamento ocorre o processo da dialogicidade em busca da humanização e transformação de todos. Cumpre ressaltar que já é complicado realizar um planejamento sem o envolvimento de todos os professores, imaginemos ele só, sem uma articulação conjunta, sem a troca de experiências.

Levando em consideração a concepção que os professores têm sobre planejamento todos entendem ser uma reflexão acerca da prática docente e Padilha (2003) compreende o planejamento como uma ação essencialmente humana e sendo assim é preciso pensar antes de agir, adequarem meios a fins e valores e desse modo

como pensá-lo apenas como algo técnico? É imprescindível repensá-lo para compreender o seu verdadeiro sentido.

Quanto aos recursos disponíveis para o desenvolvimento do planejamento, podemos observar as seguintes respostas:

O professor A – satisfatório.

*O que mais o planejado renova?*

O professor B – satisfatório.

O professor C - satisfatório é onde tiro minhas dúvidas e adquiro novas experiências.

O professor D - satisfatório, pois tudo que queremos a escola dispõe.

O professor E – satisfatório, porque todos trabalham com integração de forma a atingirmos sempre os objetivos planejados de acordo com os recursos oferecidos pela escola.

No que tange ao gosto pelo ato de planejar, os professores foram categóricos em afirmar que gostam de planejar, totalizando um percentual de 100% (cem por cento). O professor A diz que no planejamento renova os conhecimentos e desperta o interesse de como trabalhar as atividades; o professor B, diz gostar porque sem o planejamento ele fica desorientado; e o professor C diz ser muito satisfatório, uma vez que adquire experiências novas, o professor D diz que através do planejamento pode prever e organizar a ação a ser desenvolvida, o professor E diz com o planejamento podemos desenvolver uma boa aula.

O que se denota desses depoimentos, é que os professores demonstram abertura para um trabalho voltado para o planejamento mais centrado. A proposta é que para um planejar eficaz este deve ser: coletivo, global, utilitário, realista, coletivo, e interdisciplinar. (Padilha, 2001)

Referente à escolha dos conteúdos aplicados em sala de aula, 100% (cem por cento) dos professores afirmam que estes são escolhidos por eles próprios, porém professores A e B, os escolhem obedecendo a critérios de acordo com o nível de sua turma e professor C, escolhe através da grade curricular, professores D e E, escolhe através do livro adotado como também buscam outros livros.

Faz-se necessário destacar nesses depoimentos alguns pontos, como adequar os recursos, conteúdos e objetivos na busca da melhoria da aprendizagem, o que só vem a facilitar o trabalho.

Em relação ao objetivo do planejamento atender ou não as necessidades de aprendizagem dos alunos, 100% dos professores afirmam que sim. Desses, “A e B”, dizem que para o planejamento atingir o seu fim maior que é a aprendizagem dos alunos, procurando trabalhar os conteúdos de forma clara e objetiva. E os professores C, D e E dizem recorrer a muitas fontes de pesquisa para ajudar no trabalho.

A opinião emitida por esses profissionais demonstra a visão alargada do planejamento que é uma constância de agir- refletir – agir, associado à atividade de buscar o mais e o melhor, ao pesquisar ao rever. Enfim, ao parar para refletir o que está ou não sendo bom, o que vai remeter a tomar decisões e nesse prisma que seja melhor a tomada coletivamente. Isso porque o planejar não é fácil, sobretudo porque falta tempo, diálogo e tem muita resistência. (Padilha, 2001).

Parafraseando com Vasconcelos (2003) este acredita ter no planejamento “inimigos internos” que apenas emperram o sucesso da atividade de planejar, e a contento tão logo detectado precisam ser derrotados.

No que diz respeito à escolha da metodologia, se esta dá as reais condições de atingir os objetivos propostos para os alunos, 100% (cem por cento) dos professores responderam que sim, assim justificando:

O professor A, diz aplicar seus métodos de acordo com o nível da turma; o componente B diz que a metodologia aplicada segue o seu planejamento, o professor C, diz que a metodologia aplicada, seus alunos aprendem, professor D, diz mantendo sempre uma linha disciplinar, usando métodos e maneiras possíveis dentro da realidade e necessidade dos alunos e o professor E, diz sendo bem clara e objetiva.

Acreditamos que os professores dos elementos constitutivos do planejamento, porém conseguem participar dessa idéia juntos, mas, demonstram a necessidade de uma supervisora, a crença do trabalho em equipe e a dimensão dialógica do planejamento. Segundo Veiga (1998), professores e alunos são sujeitos do planejamento participativo e como tais “são” parte do mesmo objeto sobre o qual se propõem a refletir e agir. Essa ação resulta numa atividade prático-reflexiva, entretanto não basta somente entender sobre isso, mas sentir a necessidade de planejar e de mobilizar idéias para o desenvolvimento do micro-espço, que é a escola.

Referente à contribuição que a formação acadêmica do professor dá ao seu planejamento escolar, todos os professores, ou seja, 100% (cem por cento) afirmaram que suas formações acadêmicas inicial ajudam no planejamento escolar e assim justificam: o professor A, considera-se hoje uma profissional mais crítica e cheia de

novas idéias; o professor B, diz que se não tivesse estudado não teria uma boa formação, o professor C, apenas afirmou ter contribuído demais, o professor D, contribui de maneira satisfatória, por estar comprometida com a tarefa de educador e com a responsabilidade que me foi concebida e o professor E, diz que pude ver que o planejamento é uma oportunidade de pensar em formas de motivar os alunos.

O que se entende, <sup>de acordo com</sup> ~~de~~ o que gostaríamos que os professores entendessem é que muitas vezes os cursos que fazemos, não dão o suporte necessário ao ato de planejar, e sim fornecem apenas conhecimentos específicos a determinadas áreas, o que dificulta o conhecimento sobre questões mais presentes na educação. E àquele que vem de outros cursos que não seja também do de Pedagogia muitas vezes não faz do planejamento um ato da essencialidade humana, mais especificamente uma necessidade do profissional da educação. A intenção dessa questão apresentada aos professores era de que eles citassem elementos mais contundentes de como a sua formação ajudava no planejamento escolar.

Quanto à questão de como os professores gostariam que fosse o planejamento na sua escola, os professores tiveram respostas unânimes ao dizerem que gostaria que o planejamento fosse mais participativo e assistido por um supervisor, orientando para facilitar e melhor enriquecer os trabalhos.

Interessante é que todos são categóricos em afirmar que necessitam de apoio do supervisor na escola, forma individual, o que de fato não impede a idéia de conjunto, global e participativa como precede o planejamento. Por essa razão, a idéia de elaborar uma proposta de planejamento gestada numa idéia de coletividade, precisa ser contundente e insistente, para que as ações se fortaleçam no interior da escola com intencionalidade ético-política, conforme elucida Veiga, (1995).

Do que se conclui dessa análise, é que muitos dos nossos professores ainda estão na “infância” do planejamento, dando seus ponta-pés iniciais, isso porque muitos estão corroidos pelo cansaço físico e porque não dizer o pedagógico e até mesmo por um angústia por ainda estarem presos a “receitas do como fazer”, quando na verdade essas respostas estão dentro deles mesmos, e que somente precisam ser resgatadas para que haja uma verdadeira mobilização de ações em busca dos múltiplos saberes .

## 4.2 Concepções apresentadas pelos professores acerca do Planejamento Escolar

Ao trabalharmos com a temática Planejamento Escolar: metas e desafios com os professores da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Desembargador Boto estes apresentaram concepções das quais se denotavam uma crença quanto a sua eficácia, porém demonstraram interesse em conhecer mais sobre o tema.

Os conceitos apresentados pelos professores referentes ao planejamento estavam em consonância com alguns teóricos estudiosos da temática, como: Padilha (2003), Gandin (1998), Menegolla (2002), Veiga (1998), Zabala(1998),Kuenzer (1993) Libâneo (1994) Gadotti (2003) Machado (2002), Medeiros (1998) Severino (1993) e Pimenta (1998). À medida que íamos apresentando as concepções desses autores íamos fazendo uma relação com o que os professores pensavam sobre o planejamento.

Todos os professores compreendem que o ato de planejar é intrínseco a atividade humana, bem como serve para evitar o imprevisto, e que as experiências tidas, trabalhando o planejamento em conjunto, tem sido proveitosas.

Das concepções apresentadas, conseguimos apreender que planejar significa tomar decisões, coletivamente; é organizar o trabalho pedagógico, o que nos aproxima do pensamento de Vasconcellos (1995, p.43): “planejamento é o processo de reflexão, tomada de decisão , enquanto processo , é permanente”.

Os professores apresentaram também algumas dúvidas, dentre elas, a diferença entre planejamento e plano e os tipos de objetivos. Tal distorção é bastante salutar, uma vez que os docentes investigados afirmaram que não tinham tido a oportunidade de estudar tais temas. Todas as dúvidas procuramos esclarecer de forma clara e objetiva associando a fatos e ações ocorridas na escola e na sala de aula mais especificamente.

Prosseguindo as atividades do estágio, enfocamos a importância e as funções do planejamento escolar, onde percebemos que o mesmo deve partir das necessidades de cada sala e depois unir todas as possibilidades de superação. Nesse momento, os professores contaram suas experiências de sucesso uma das experiências nas quais enfatizaram foi à importância do planejamento em conjunto, pois, quando reunidos num

planejamento escolar, dá para perceber a importância da realização do planejamento participativo. Todas trocam as idéias as quais obtiveram sucessos em sala.

Dentro dessa perspectiva, procurando compreender como se efetiva esse processo, pudemos assistir uma fita de vídeo intitulada: *Planejamento Socializado Ascendente* de Gaudêncio Frigotto (2003). Na proposta desse estudioso, precisamos observar o que existe no interior das nossas salas de aula e partir para planejar com base nas necessidades que os alunos apresentam, sem que necessariamente tenha que obedecer a estrutura pré - determinada pelo Currículo Nacional. Nesse momento, podemos perceber que os professores necessitam desenvolver também uma autonomia didática que se expressa no cotidiano escolar. Esta autonomia exige do professor uma leitura de sua realidade e de sua prática.

Frigotto (2001) defende a idéia de que é na sala de aula que encontramos todos os elementos necessários para realização do planejamento socializado ascendente e que devemos os problemas comuns dando prioridade aos problemas diferentes e a partir disso, trabalhar em prol de atingir os objetivos previamente definidos.

Após a exposição do vídeo, os professores investigados colocavam a satisfação com o nível das informações das quais estavam se apropriando e que faziam colocações do tipo: professor D e professor E, "será que eu consigo fazer dessa maneira? Como é importante essa troca de idéias!", enfim podemos perceber os resultados positivos do nosso trabalho.

Ao discutirmos o texto: *Necessidade e Urgência do Planejamento* - Danilo Gandin (1998) percebemos que os docentes investigados passaram a reconhecer o planejamento como instrumentalização necessária para transformar idéias presentes e organizar o futuro desejado pela escola. Entretanto, apontaram alguns entraves que impedem essa prática, quais sejam: os conflitos entre os valores morais e o que se ensina na escola; a preocupação do conteúdo sem conexão com a realidade do aluno; cada um com sua prática individual sem a consciência da participação.

No momento seguinte, discutimos o texto: *Planejamento e o Projeto- Político-Pedagógico* Rosa Emília de Araújo Mendes (2000), onde tivemos a possibilidade de analisar quais os elementos necessários a consecução do referido documento. Para nossa

surpresa os professores disseram ainda não terem construído o Projeto - Político - Pedagógico da escola, por desconhecerem os passos necessários a sua realização. Discutindo o texto, percebemos a necessidade de somarmos as contribuições de cada um que faz parte da escola e da comunidade em geral. Entendemos que o Projeto - Político - Pedagógico não é a construção de um documento para satisfazer as exigências da escola ou da LDB (Lei de Diretrizes e Base), é a vida da escola, sua filosofia, suas metas, suas atividades, é o corpo da instituição, por isso é importante que todos se unam para construí-lo.

Um dos pontos que os colocam em seus discursos, que ajudam no desenvolvimento de suas atividades, são os recursos disponíveis pela escola (material didático-pedagógico), recursos tecnológicos apesar de não ter visto como eles utilizavam esses recursos tecnológicos, mais vale ressaltar que a escolas dispõe de TV, Vídeo e Microsistém. Apesar de terem todos os recursos que necessitam os professores destacam a falta de incentivo ao magistério, uma que vez os salários são baixíssimos, e a política educacional do governo é manter as salas cheias, sem lhes darem as devidas condições de trabalho. Tais questionamentos podem ser evidenciadas nos seguintes depoimentos:

*“o professor não pode sê-lo por falta de opção, mas deve ser pelo o compromisso que tem com essa. Arte”* (professor D)

*“o planejamento pode até contribuir para melhorar a prática docente, mas o professor precisa ter seus direitos ressaltados”.* (professor E.)

Para promovermos uma reflexão sobre essas colocações, utilizamos como recurso um texto de Estevam Fernandes (1999) Não desista! O que possibilitou-nos compreender que os problemas existem muitos não depende de nós, diretamente, mas os que dependem de nós, obrigatoriamente devemos buscar as soluções. E que cada um dentro de suas potencialidades pode contribuir positivamente, o importante é querer fazer.

A essa questão reservamos o entendimento de que cabe a escola desmistificar a idéia de que planejamento não dá certo e é perca de tempo. Desta forma, é preciso criar oportunidades para a prática de um planejamento melhor, o que nos levou a entender também que isso será possível se a gestão da escola se mostrar democrática e participativa. Um necessariamente está ligado ao outro. A esse planejamento chamamos

de político, ou seja, o gestor pode chamar a toda para o centro, onde todos pensem, todos ajam.

Os professores compreenderam que parte da ineficiência do planejamento nas escolas passa também por um plano pessoal, uma vez que não basta saber que ele é necessário, mas os docentes precisam contar com disponibilidade de tempo e compromisso. Menegolla (2002) acrescenta ser o planejamento um instrumento que norteia a prática da sala de aula e não um castigo ou punição, e é importante que o professor internalize essa idéia. Sabemos que é preciso mudar a forma de concebê-lo, para depois criarmos os meios para empregá-lo; precisamos primeiro refletir sobre a nossa prática docente para depois incidir sobre ela.

Dando continuidade as atividades do estágio, apresentamos o texto: Avaliação no planejamento também de Danilo Gandin (1998), onde pudemos perceber que a avaliação e o planejamento são dois processos independentes cada qual com sua função, porém harmônicos entre si, ou seja, há que se pensar em planejamento sem que haja uma avaliação do mesmo. A implantação completa do planejamento, já se constitui em prática avaliativa.

Porém, o que conseguimos com nossos encontros foi de grande relevância, e conseguimos compreender que o planejamento transcende essa prática, já que com ele se abre um leque de possibilidade de ver os problemas sob uma ótica mais ampla, e que no dizer de Padilha (2001) “o planejamento não se constitui tarefa fácil, mas existem experiências inovadoras que comprovam que a iniciativa coletiva e o desprendimento são ingredientes possíveis para a superação dos problemas”. Importante termos compreendido essas concepções, visto que esse aspecto era considerado essencial para o presente estudo.

Proseguindo as atividades, estudamos o texto com o tema *O papel de cada segmento na prática do planejamento escolar – Paulo Roberto Padilha (2003)*. Apreendemos que, se todos já têm claro que o planejamento é o processo de tomada de decisões, cabe a cada um contribuir dentro de suas limitações, desde a concepção até a avaliação e o replanejamento. Da mesma forma que a escola não é só do diretor ou professor, o planejamento também não é. É preciso que os pais, a comunidade, os

alunos, o coordenador, o gestor, todos os professores, enfim todos que dele quiserem participar, assim temos a certeza que o trabalho tem a contribuição de todos.

É com satisfação que anunciamos ter valido a pena ter-nos oportunizado esses momentos de estudo sistematizado com esses professores, procurando escolher os textos bem fundamentados, que viesse a somar a nossa prática, para que pudéssemos ouvir depoimentos renovados de como foi proveitoso estudar para perceber que é possível mudar a forma de planejar, a partir da tomada de decisões conjuntas.

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
PSICOPEDAGÓGICA,  
CAMPUS PARRAQUE

## 5. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

O Planejamento Escolar não é considerado como elemento de discussão e estudos novos na esfera educacional brasileira, mas com certeza é a temática mais freqüente entre estudiosos e professores em geral. Dentro desse prisma, o trabalho ora efetivado se pautou na reflexão da prática do planejamento escolar na Escola Estadual Educação Infantil e Ensino Fundamental Desembargador Boto.

Percebemos que existe uma dicotomia entre o que os docentes investigadas pensam sobre planejamento e o que fazem, isto é, dizem ser o planejamento um ato burocrático e enfadonho, porém o consideram um meio facilitador da prática pedagógica que dá um redirecionamento a atividade docente. Tal constatação resulta na prática, a necessidade dos professores participarem mais efetivamente do planejamento, bem como se engajarem em estudos que tratem dessa temática.

Ficou claro que não basta, porém, a escola reservar o dia “d” para o planejamento é imprescindível que possibilite espaços favoráveis para esses estudos não importando que a iniciativa seja exclusiva do gestor, do supervisor ou do professor. É preciso haver momentos de socialização, discutindo obras ou textos que venham a fundamentar a prática docente.

Os professores longe de serem “leigos” na temática, reconhecem a necessidade de um planejamento dentro de sua escola, pois ao contrário do que pensavam os professores ele só facilita o trabalho. Acreditam que existem algumas chamadas crises na escola, são os “fantasmas” do tempo, da ausência do coordenador ou supervisor pedagógico, do comodismo, do “não sei fazer”, do acúmulo de funções, enfim um arsenal de inimigos que impedem a prática do planejamento, mas já compreendem que o trabalho em equipe faz a diferença e produz resultados satisfatórios.

Os professores apresentaram reações totalmente compatíveis com o propósito do trabalho, ou seja, ao passo que conheciam os textos sobre planejamento e faziam um contraponto com sua prática em sala de aula esboçavam reações de satisfação e entusiasmo.

Alguns depoimentos foram importantes quanto ao desenvolvimento da nossa temática, pois os professores foram categóricos em afirmar da necessidade de um trabalho bem organizado, bem planejado, conjunto de professores. Agora era diferente, pois se sentiam renovados e estimulados a engajar-se num planejamento dentro de uma perspectiva socializada.

Não restam dúvidas que nossos estudos sinalizam que para a realização do planejamento escolar com resultados satisfatórios, é preciso que nós professores nos desprendamos das nossas amarras e nos envolvamos em busca das mudanças tão conclamadas por todos os que verdadeiramente se envolvem no processo educativo.

Sabemos que o verdadeiro caminho para esse fim, não é camuflar os desafios presentes nesse processo, mas é buscar os rumos, os faróis, a reflexão das nossas ações na perspectiva de transformar toda essa estrutura social pré-moldada, mesmo que seja a longo prazo, já que para a educação não se propõe para curto prazo. Para tanto, começar a ver a escola como espaço de mobilização social, já se constitui um grande começo.

Trabalhando nesse curto espaço de tempo com os professores, podemos perceber que mesmo cansados físico e pedagogicamente, os docentes apresentam vontade imensa de aprender, de fazer mais por seus alunos, de se envolver, o que já nos dá uma imensa felicidade, pois temos um elemento favorável a nós que é a força de vontade de buscar novas idéias, de estudar conceitos de se familiarizar com os estudiosos da educação através de suas obras, enfim, de ver na educação a condição primária para a libertação do homem.

Entendendo ser o planejamento um processo permanente de tomada de decisões, não tivemos a pretensão de considerarmos nosso estudo como pronto e acabado. Temos sim a certeza de que plantamos a semente da inquietação de idéias, o desejo veemente de cada vez mais como professor se envolver, e fazer a verdadeira diferença. Apreendemos juntos que não é o tempo cronológico que determina as condições de trabalho e as ações, mas a luta conjunta, a vontade de mudar.

O estudo realizado trouxe-nos a oportunidade não só desenvolvermos a temática com responsabilidade e compromisso, mas deu-nos a possibilidade de conhecermos o universo dos sentimentos, das angústias, das inseguranças e dos anseios pelos quais passam os professores, e chegamos ao final com a prazerosa sensação de

termos contribuído com a prática docente desses profissionais que têm que lidar com o flagelo dos baixos salários, do descaso das políticas educacionais, com os problemas sociais, mas que mantêm viva a chama do prazer em educar.

Podemos perceber que após a efetivação dos nossos encontros, os professores já não mais encaram o planejamento como um fenômeno anti-pedagógico, mas como um aliado a sua prática; já não mais o consideravam como atividade burocrática, mas como momento de reflexão e ação; não mais como algo inalcançável, devido a sua complexidade, mas como atividade de possível realização; não mais se consideram como sujeitos longe de sua elaboração, mas sujeitos presentes e necessários na sua implantação.

Aprendemos várias lições dos nossos mestres da educação, mas chegamos à conclusão de que Planejamento é vida e que só tem sentido se pensado com todos e para todos. De tudo, a certeza de que após a realização do trabalho somos profissionais melhores porque segundo nosso mestre Paulo Freire (2001), “é decidindo que se aprende a decidir”. Assim, também podemos concluir que é planejando que se aprende a planejar, mesmo que os problemas, as dificuldades invadam nosso espaço, precisamos seguir sempre, procurando alternativas para acertar, com a sabedoria de compreendermos o que e como podemos ajudar a mudar.

Assim, trazemos as considerações finais tornando conhecida a nossa satisfação em termos desenvolvido a temática Planejamento Escolar: metas e desafios ao lado de professores que em meio tantos obstáculos sabe da necessidade de educar e tê-lo que fazer bem. E longe de acharmos ter ensinado algo, temos a certeza de termos aprendido juntas, pois “ninguém ensina a ninguém...”

→ FREIRE, ...

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELORS, Jacques. Educação: Um tesouro a descobrir - Relatório da Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, 4 ed., Rio de Janeiro, Cortez, 1996.

GADOTTI, Moacir. Histórias em idéias Pedagógicas, Perspectivas atuais, 8 ed., São Paulo, Ática, 2003. ✓

GANDIN, Danilo. A prática do Planejamento Participativo, 6 ed., Petrópolis, RJ, Vozes, 1998. FROLO ? ?

\_\_\_\_\_ & Luis Armando. Temas para um Projeto Político-Pedagógico, Planejamento Participativo e Estratégico, 4 ed , Petrópolis, RJ, Vozes, 2001.

KUENZER, Accácia Zeneida. Planejamento e Educação no Brasil, São Paulo, Cortez, 1993. ✓

LIBÂNEO, José Carlos. Didático, o Planejamento Escolar, 14 ed., São Paulo, Cortez, 1994. ✓

MACHADO, Nilson José. Educação: Projetos e Valores, 3 ed., São Paulo, Escrituras, 2002.

MEDEIROS, Mario. Pedagogia do Desafio, Recife, Simpere, 1998.

MENEGOLLA, Maximiliano & SANT' ANNA, Ilza Martins, Por que Planejar? Como planejar? 12 ed., Petrópolis, RJ, Vozes, 2002. ✓

PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento Dialógico: Como construir o Projeto Político-Pedagógico da escola, 4 ed., São Paulo, Cortez, 2003. ✓

PIMENTA, Selma Garrido. Pedagogia, Ciência da Educação- Panorama Atual da Educação, 2 ed., São Paulo, Cortez, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico, 22 ed., rev. , ampl., São Paulo, Cortez, 1993. ✓

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. As dimensões do Projeto, Campinas, Papirus, 1998. ✓

ZABALA, Antoni. A prática educativa: Como ensinar, Porto Alegre, Artmed, 1998. ✓

ZÓBOLI, Graziella. Práticas de Ensino: Subsídios para a atividade docente, 11 ed. São Paulo, Ática, 2000.

## 7. ANEXOS

## QUESTIONÁRIO

FORMAÇÃO ACADÊMICA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_  
TEMPO DE SERVIÇO: \_\_\_\_\_

Caro Professor (a)

O questionário a ser respondido é um meio de conhecermos mais sobre a dinâmica do Planejamento de Ensino de sua escola. E você, como sujeito fundamental na formação do nosso projeto de estudo, pode colaborar significativamente dando respostas verdadeiras às questões objetivas (múltipla escolha) e subjetivas que serão analisadas e mantidas em sigilo, ou seja, serão utilizadas somente para fins acadêmicos.

Agradecimentos antecipados

“O educador precisa dizer como se forma seu caminho, e ao trilhá-lo, deve refletir sobre ele.”

1. Acontece Planejamento na sua escola?  
 SIM  NÃO
  
2. Quanto a realização do planejamento de ensino em sua escola acontece:  
a)  semanal  quinzenal  
 mensal  outros -----  
como?-----  
b)  individual  coletivo
  
3. Levando em consideração o tempo de sua atividade docente você considera o planejamento:  
 Uma atividade burocrática;  
 Exigência da LDB;  
 Atividade enfadonha e desinteressante;  
 Reflexão sobre a prática docente;  
 Outros. Quais?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
  
4. Em relação aos recursos disponíveis na sua escola para o desenvolvimento do planejamento de ensino, você considera-os:  
 Muito satisfatório  
 Pouco satisfatório  
 satisfatório  
 insatisfatório  
Justifique:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5. Você gosta de planejar?

SIM

NÃO

Por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6. Quem escolhe os conteúdos a serem aplicados em sua sala de aula?

Como é feita essa escolha?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7. O seu planejamento atende as necessidades de aprendizagem dos seus alunos?

SIM

NÃO

De que maneira?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8. A metodologia escolhida no seu planejamento lhe dá condições de atingir os objetivos propostos?

SIM

NÃO

Como?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9. De que maneira sua formação acadêmica contribui para a realização do seu planejamento escolar?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

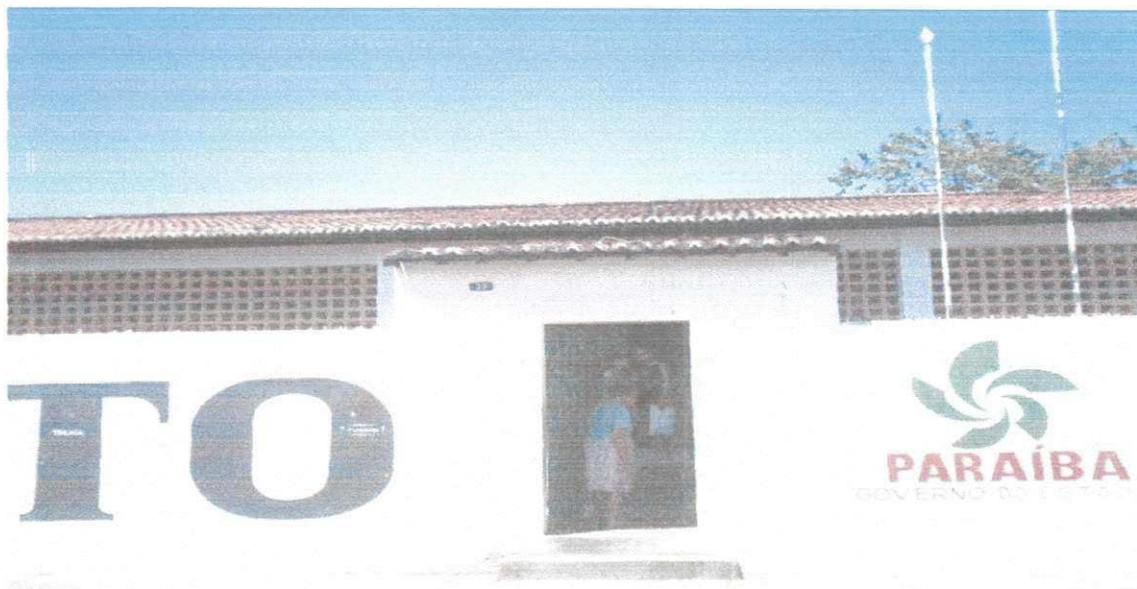
\_\_\_\_\_

10. Como você gostaria que fosse o planejamento em sua escola?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



**Frente da Escola**



**Sala de realização dos encontros**



**Corpo docente**